

HEIDEGGER

"Depois de homogeneizar em seu liqüidificador de idéias um caricaturizado mostuário (Epáter é preciso, em todos os sentidos) de respostas à pergunta clímax da última novela filosófica (O que foi que Martin, essa bela alma, viu no hediondo Adolf?), até transformá-las numa pasta cinzenta e amorfa, José Guilherme Merquior, em 'Muito além do nazismo' (Folhetim, nº 630, 11/02), sente-se autorizado a oferecer seu próprio diagnóstico: Heidegger sucumbiu ao nazismo por falta de anticorpos liberais. Mas não só: criativo como apenas um grande filósofo pode ser, tornou-se o patrono de um nacional-socialismo de esquerda. Pois é, vale tudo, ou, citando o próprio autor, "pode-se escrever de tudo". Mesmo desfilando uma semana após o Carnaval, esse embaixador de nossas mais legítimas tradições conseguiu arrebatá de Granel não só o prêmio de fantasia mais original como o da melhor alegoria: explorar o 'affaire' Heidegger/suástica para promover o liberalismo e, 'en passant', dar uma cutucadinha na esquerda, não é mesmo pra qualquer um. Faltou ao francês um inspirador do porte de Joãozinho Trinta. Entretanto, da folia às cinzas o trajeto é curto: sem ir mais longe, basta lembrar que o autor, uma espécie de 'ultra' da ala liberal, manteve (mantém?) relações íntimas com certo regime cujo parentesco com o nacional-socialismo, mesmo admitindo a ressalva do resguardo às devidas proporções, consta de qualquer árvore genealógica dedicada à consanguinidade política. Esperemos que o próximo samba-enredo tome menos liberdades com o "plano fáctico". E já que se trata de uma questão em última análise moral, por que não encerrá-la proverbialmente? 'Cria (nem tão boa) fama e deita-te na cama'; 'cria cuervos, y te comerán los ojos'."

GOLDGRUB, Franklin. Heidegger. **O Estado de São Paulo**, São Paulo.